

ESTRATÉGIAS RIO BRAVO

O COMEÇO DO FIM

JUNHO 2018

Vários indicadores servem para assinalar o encerramento de um governo, e o mais prosaico é a presteza dos garçons e a temperatura do café que trazem. Mas há muitos outros, como as votações de cunho

populista, e, sobretudo, nesses tempos de Copa do Mundo e votações paradas, as decisões judiciais contra a União e favor do funcionalismo. Nesse capítulo, os últimos 30 dias foram espetaculares. →

O COMEÇO DO FIM

No finalzinho de maio, o Senado votou uma Medida Provisória (817/18), relatada pelo senador Romero Jucá (MDB-RR), que incluía nos quadros da União cerca de 4,4 mil funcionários dos ex-territórios de Roraima, Rondônia e Amapá. O custo fiscal aproximado excede R\$ 3 bilhões anuais. Já a Petrobras teve contra si uma sentença no TST (Tribunal Superior do Trabalho), por conta de interpretações excessivamente benevolentes de mecanismo de apuração de benefícios salariais, com um custo aproximado de incríveis R\$ 17 bilhões. E o Serpro teve contra si decisões, e mesmo alguns acordos na Justiça do Trabalho, pelos quais cerca de 500 funcionários ganharam cerca de R\$ 250 milhões. No dia 27 de junho, o ministro Ricardo Lewandowski concedeu liminar que proíbe privatizações sem lei autorizativa, alegando que "Há, com efeito, uma crescente vaga de desestatizações que vem tomando corpo em todos os níveis da Federação, a qual, se levada a efeito sem a estrita observância do que dispõe a Constituição, poderá trazer prejuízos irreparáveis ao país". No dia anterior, Lewandowski fez parte de uma maioria na segunda turma do STF (Supremo Tribunal Federal) que mandou soltar José Dirceu e outros presos em decorrência de condenação em segundo grau no âmbito da Lava Jato. Por fim, no dia 28 de junho a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou um aumento de 5% para os serventuários da Justiça

e Ministério Público, grupos que não tiveram seus salários atrasados nesse período de crise do estado, a despeito da oposição do governador. Essas pérolas se mesclam às movimentações do escrete canarinho e à excitação com os jogos da Copa do Mundo, compondo um quadro assustador de um governo em franca decomposição. Os mercados financeiros sentem o golpe, mas reagem de forma idiossincrática. No dia 7, pela primeira vez em alguns anos, houve *circuit breaker* nos derivativos de juros em meio a boatos de reunião extraordinária do COPOM e com o dólar de aproximando de R\$ 4. Nesse dia difícil, o Banco Central foi duramente testado e apenas no fim do expediente, numa atípica coletiva, anunciou uma atuação mais agressiva em *swaps* cambiais e em operações compromissadas.



Os mercados financeiros sentem o golpe, mas reagem de forma idiossincrática

Desde então, o mercado não teve nenhum dia de descontrole, mas os nervos estão à flor da pele. Do dia 7 até o fim do mês, o estoque de *swaps* cambiais saltou de US\$ 30,3 bilhões para US\$ 67,4 bilhões e foram feitos dois "leilões de linha" (venda de dólares spot com recompra), no total de US\$ 3 bilhões.

Não apenas não houve reunião extraordinária do COPOM, como na reunião ordinária de 20 de junho, o comitê não alterou a Selic, e reafirmou

O COMEÇO DO FIM

que o compromisso da instituição é com a meta para o IPCA, com a atividade e com o “balanço de riscos”. É claro que o alvoroço cambial pode afetar o alcance da meta: os modelos do próprio BC, rodando com novas hipóteses sobre o câmbio, indicam inflação mais alta este ano, em 4,2%, ainda que menor no ano que vem, em 3,7%, porém, no cenário de mercado (com Selic subindo para 8% e dólar em R\$ 3,63). Sem aumento nos juros, e o câmbio a R\$ 3,7, o modelo estimaria a inflação de 2019 em 4,1%.



Os modelos do próprio BC indicam inflação mais alta este ano

Não há novidades no cenário eleitoral. As pesquisas continuam a mostrar Lula ou Jair Bolsonaro na liderança, porém com Marina Silva na segunda colocação (13%) bem acima de Ciro Gomes e Geraldo Alckmin, empatados tecnicamente na casa de 8% a 6%, respectivamente. A Copa do Mundo continua a introduzir uma espessa névoa a turvar o interesse da população nos assuntos eleitorais. As convenções partidárias no começo de agosto vão dar contornos mais estritos aos pleitos de outubro tanto pela depuração de candidatos à presidência quanto pela definição das disputas regionais e alianças partidárias.

Enquanto isso, vai se diluindo o impacto da greve dos caminhoneiros, que tanto assustou os responsáveis por projeções de atividade e inflação. O Ministério da Fazenda estima um

impacto direto em 0,2pp do PIB, mas não fala de efeitos indiretos. Nossas estimativas são de um impacto de 0,5pp e alguns outros, mais pessimistas, falam de uma perda de até 1pp. Ainda não há dados de atividade que capturem o evento, apenas “leading indicators” sugerindo que a produção mais de 10% no mês. A inflação medida pelo IPCA-15 em junho ficou em 1,11% (passou de 2,7% para 3,28% nos últimos 12 meses) e o IPCA fechado deve ficar perto de 1,3%.

Daqui para frente, uma vez terminada a Copa, e qualquer que seja o seu resultado, deve se intensificar muito rapidamente a tensão eleitoral.



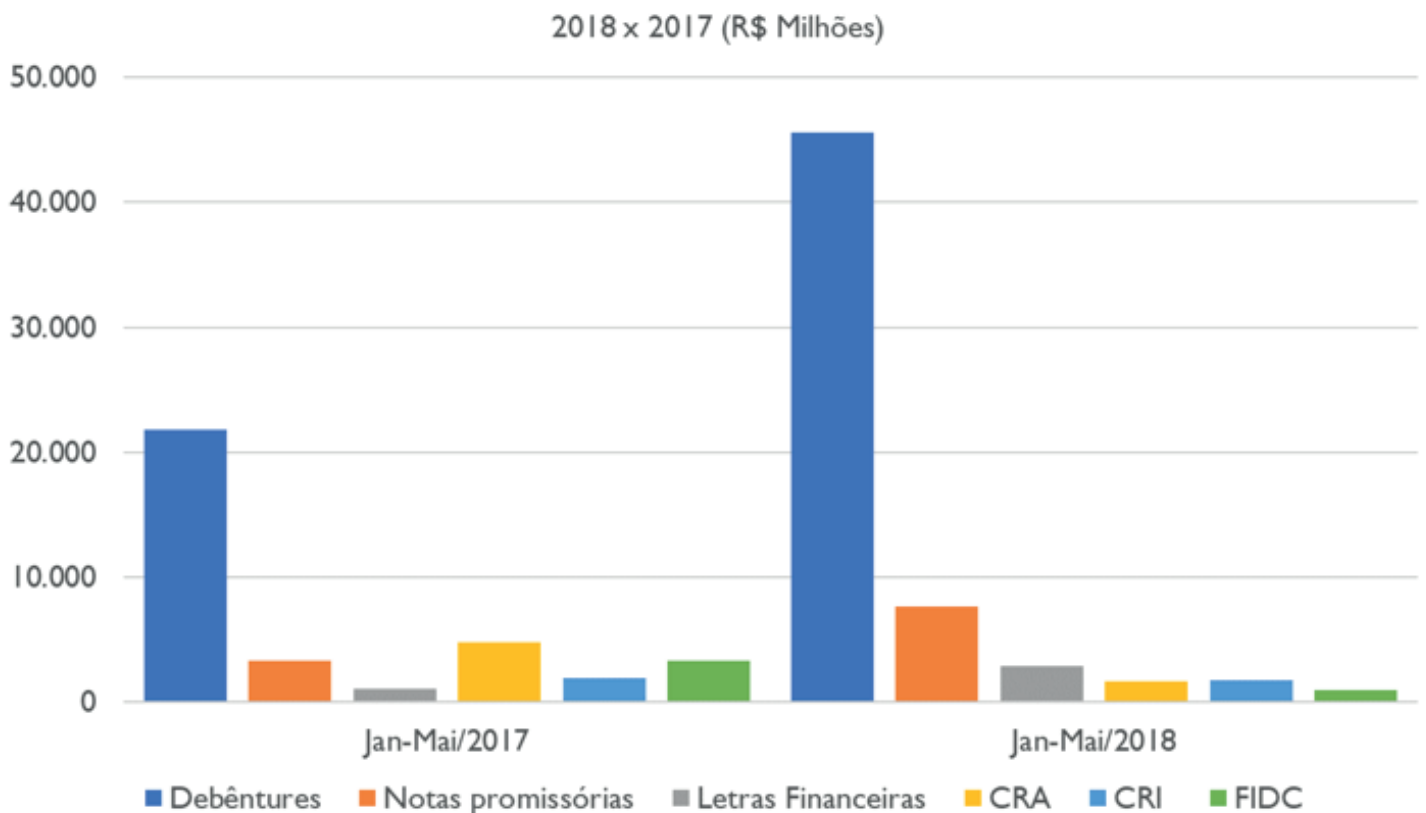
O establishment político não trabalha com a hipótese de a tão esperada renovação política alterar a dinâmica do Congresso

É uma campanha curta e sumamente imprevisível em seu desfecho. O establishment político não trabalha com a hipótese de a tão esperada renovação política alterar substancialmente a dinâmica do Congresso e, portanto, da lógica do presidencialismo de coalizão.

Mas ninguém tem certeza. Haverá novos rostos no parlamento, mas talvez menos do que o país gostaria. Nessa linha, dois ilustres e experientes senadores que, faz pouco, debatiam alegremente em plenário sobre a dúvida se, não propriamente sobre sua presença na próxima legislatura, mas se estarão na situação ou na oposição.

As captações de recursos em Renda Fixa (Debêntures, NP's, CRI's, CRA's e FIDC's) via mercado de capitais doméstico atingiram um total de R\$ 60,5 bilhões no período de janeiro a

maio de 2018, representando aumento de 67,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Destaque para as emissões de debêntures, que representam R\$ 45,6 bilhões do total de captações.

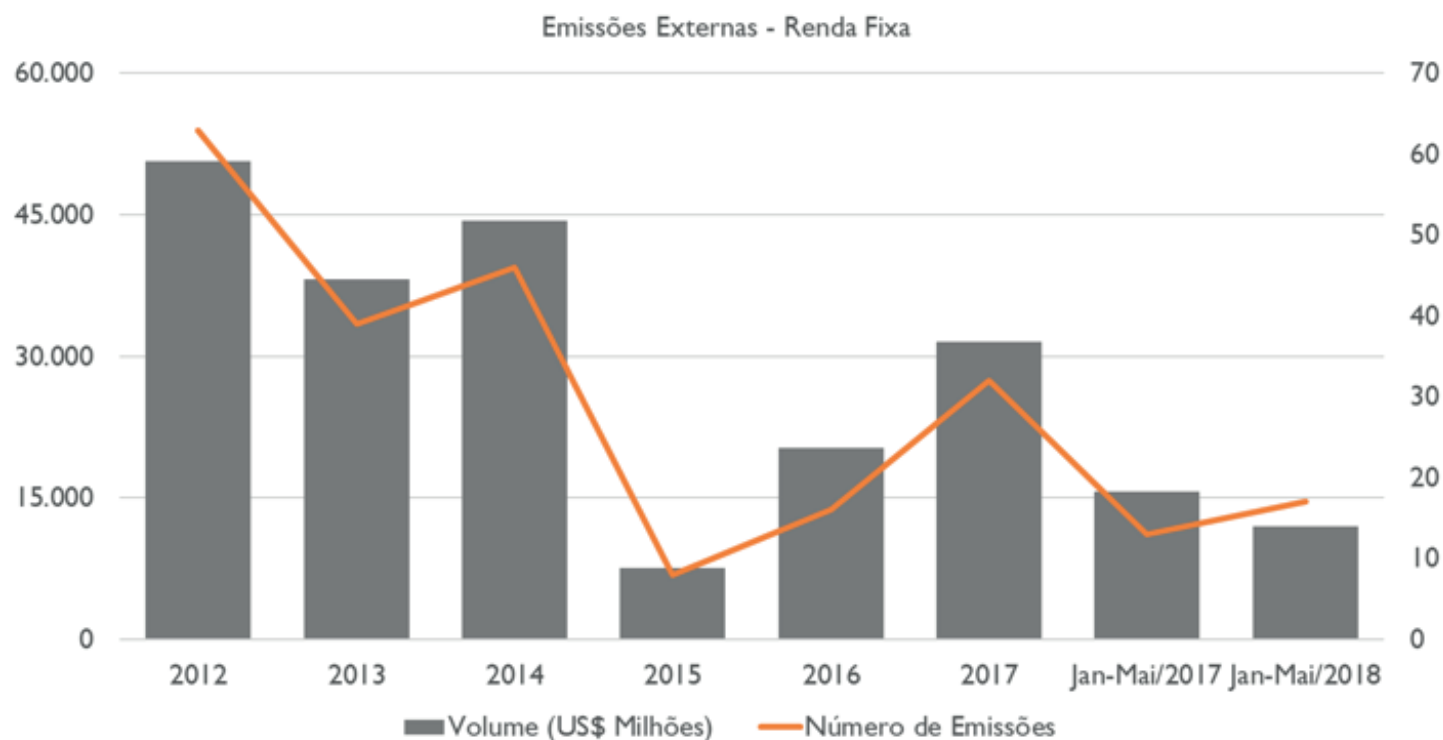


A deterioração do cenário macro e político vivenciado no mês de maio perdurou durante o mês de junho. A volatilidade cambial, adicionada à elevação da taxa de juros americana, colaborou para fuga de capitais de países emergentes. Concomitantemente, houve elevação dos custos de captação externa para as empresas domésticas. A última companhia a acessar o mercado externo foi a empresa

química Unigel, no final de maio, que captou US\$ 200 MM em um bond de seis anos e yield de 10,5%. Nenhuma emissão foi anunciada em junho.

No período de janeiro a maio de 2018, foram realizadas 17 emissões externas, as quais totalizaram US\$ 11,95 bilhões, contra US\$ 15,65 bilhões no mesmo período do ano anterior, quando foram realizadas 13 emissões.

RENDA FIXA



Entre as companhias que pretendem captar no mercado local nas próximas semanas, estão Aegea (Rating AAA, R\$ 600 MM, divididos em séries de cinco e sete anos), Copasa (Rating AA, R\$ 700 MM, divididos em séries de três, cinco e sete anos), Restoque (Rating A-, R\$ 225 MM em

série única), MRV (Rating AA-, R\$ 770 MM divididos em séries de cinco e sete anos). Além das mencionadas, Taesa está acessando o mercado com emissão de debêntures incentivadas e Contour Global está captando por meio de Fundo de Investimentos em Direitos Creditórios (FIDC).



Fechamento do 1º semestre: como se comportou o IFIX?

Os Fundos Imobiliários viveram momentos extremamente distintos no 1º semestre de 2018. Após forte retomada nos dois últimos anos, com retornos de 32,3% em 2016 e 19,4% em 2017, o IFIX já subia 5,5% entre os meses de janeiro/2018 a maio/2018. A boa rentabilidade dos FII's abriu espaço para novas emissões de cotas que começaram a entrar no mercado. Somente no 1º semestre, foram registradas na CVM 25 novas emissões, com volume de R\$ 7,8 bilhões em cotas do Fundo Imobiliário. O cenário se dava de tal forma que a demanda por esse tipo de produto já não era suportada pelo estoque atual dos Fundos e boa parte desta rentabilidade vinha de fundamentos melhores para o mercado imobiliário. A taxa de vacância dos escritórios corporativos Triple A, que chegou a patamares de 25% em meados de 2015, fechou o primeiro semestre em 16,8%. A redução da taxa de vacância é emblemática para os proprietários de imóveis, pois garante menor oferta e consequentemente menos concorrência, dando poder de barganha para os proprietários renegociarem aluguéis com seus inquilinos.

Também vimos uma melhora significativa no setor de logística. Acompanhando mudança estrutural global do setor, que envolve cada vez mais compras online, os FII's de logística

performaram muito bem em 2017 e vinham na mesma tendência em 2018. O hábito de consumo das pessoas via internet deverá deixar a logística cada vez mais complexa e necessária para as empresas de e-commerce, que deverão demandar mais espaços para este tipo de produto.

Contudo, esse cenário com bons fundamentos sofreu um tropeço nos últimos dois meses. Os FII's caíram em média 9,1%, revertendo a tendência de alta e fechando o 1º semestre de 2018 com uma queda de 4,5%. E essa queda está relacionada a um único fator: a precificação da curva de juros brasileira. Com os recentes acontecimentos relacionados aos cenários macro global e brasileiro, envolvendo aumento da taxa de juros americana e preocupações eleitorais e fiscais, os investidores passaram a precificar um aumento significativo na taxa de juros. O prêmio do Tesouro IPCA+ (antiga NTN-B), que chegou a ficar próximo dos 5% a.a., subiu para perto de 6% a.a. Com isso, os Fundos Imobiliários acabaram sendo precificados com uma taxa de desconto maior, e suas cotas passaram a valer menos. Ainda assim, os FII's ainda possuem rentabilidade interessante em uma janela de 24 meses, próximo a 14% a.a. A melhora nos fundamentos imobiliários e na relação de oferta e demanda por imóveis não deverá se deteriorar



INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS

tão rápido quanto a curva de juros. Isso porque investimentos imobiliários são, por sua natureza, de longo prazo, de forma que leva algum tempo para que haja mudanças estruturais significativas nesses fundamentos.

Portanto, o investidor precisa ficar atento para aproveitar as oportunidades que surgirem no mercado FIs. Dado que os FIs possuem alta

correlação com o prêmio do Tesouro IPCA +, essa alta volatilidade da taxa de juros, que é reativa a diversas notícias e movimentos de curto prazo, pode abrir oportunidades de compra para um investimento em FIs, que, por sua essência, é de longo prazo, e que os preços de aquisição são fundamentais para um retorno consistente ao longo do tempo.

Em junho, os mercados seguiram o comportamento do mês anterior e observamos, dessa forma, intensificação das perdas e aumento adicional das volatilidades nas diversas classes de ativos domésticos.

No centro dos cenários criados pelos agentes de mercado está a política monetária do Banco Central do Brasil (BC). O COPOM anunciou no dia 20 de junho a manutenção da taxa básica Selic em 6,50%, corroborando as expectativas da maior parte das instituições e seus economistas. O comunicado do Banco Central e a ata da reunião trazem pouco direcionamento sobre a trajetória futura da taxa de juros, mas há grande ênfase no monitoramento das expectativas de inflação futuras. Ainda em junho, o Conselho Monetário Nacional (CMN) anunciou a redução da meta de inflação de 2021 para 3,75%, ante 4,00% de 2020.

Nos Estados Unidos, a taxa de juros básica da economia (Fed Fund Rate) foi elevada em 0,25%, atingindo agora o intervalo de 1,75% a 2,00% com sinalização de mais duas potenciais altas em 2018 para um total de quatro altas para o ano. Em outro momento do ciclo, o Banco Central Europeu anunciou a redução do programa de compra de ativos a partir de outubro e o encerramento desse programa no final do ano.

O mercado de juros locais voltou a ter um período de abertura de taxas, que chegou a ser mais intensa no meio de junho, mas cedendo especialmente após o anúncio do COPOM.

Tanto o mercado de juros reais quanto nominais encerrou o mês com perdas, mais intensas nos vencimentos mais longos (IMA-B -0,32%). Junho marcou também a escalada do dólar (+4,11%), que flertou com nível de R\$ 4,00. Após atingir sua máxima, no dia 7, o Banco Central veio a público e conseguiu diminuir a temperatura, anunciando um aumento no volume de swaps cambiais e deixando sinais claros de que não é sua intenção utilizar política monetária (notadamente, taxa Selic) para controlar o câmbio. Desde então, o câmbio passou a operar em um nível mais comportado, ainda que na última semana a cotação tenha voltado ao patamar de R\$ 3,80.

A bolsa doméstica acompanhou o cenário de incerteza, volatilidade e perspectivas de maiores taxas de juros nos Estados Unidos e registrou queda expressiva em junho (-5,20%).

GESTÃO DIRETA DE ATIVOS

Mês difícil para multimercados, sofremos mais especificamente com as posições estruturais de juros e FII. A confiança em nosso cenário de juros, porém, fez com que recuperássemos fortemente o drawdown na segunda metade de junho.

A inclinação da curva de juros continua sendo a aposta mais clara do fundo via FRAs 2019 e 2020, com menor alocação no FRA 2021. As duas primeiras posições, inclusive, contam com estruturas de swaption para sua proteção, com ganhos de mais de 80bps represados pela suas



MULTI-ASSETS & PORTFOLIOS

respectivas precificações de momento.

Em renda variável e câmbio, estamos desinvestindo estruturalmente, olhando para oportunidades de mercado para posição tática, enquanto a caixa event-driven, que sofreu com a realização de FII no mercado secundário, encontra-se em tamanho adequado para nosso risco (<9% PL, FII 5,5%PL). As distorções da classe pela ineficiência de mercado acentuaram o movimento no período, mas, por outro lado, oferecem oportunidades de curto prazo que trazem valor para o portfólio, como foi o caso de ABCP11 (ganho de 3,5% em dois dias).

O destaque positivo do mês foi nossa alocação quantitativa, que gerou 18bps em menos de 7,5%PL alocados, além de diminuir o risco total da carteira dada a descorrelação para as demais estratégias. Na virada do mês, aumentamos a exposição para 10% PL, nível máximo que acreditamos ser adequado ao fundo.

O resultado global do Rio Bravo Apollo FIC FIM ficou em -0,48% em mais um mês negativo para o chamado Kit Brasil. Agora, são 18 meses de gestão, 16 meses positivos, 14 deles acima do CDI.

ALOCAÇÃO DE PORTFÓLIOS

O contexto apresentado acima trouxe impactos significativos tanto para os portfólios quanto para nossa percepção de risco e retorno nas diversas classes de ativos até o final de 2018. Os fundos multimercados apresentaram, na

média, resultados abaixo do CDI, sendo que muitos fundos terminaram o mês com resultados negativos. Fizemos uma pequena redução na nossa exposição nesses fundos, mantendo os recursos em liquidez. Esse movimento faz parte de uma diminuição de risco realizada nas carteiras para enfrentar os próximos meses até as eleições.

Fundos de ações foram os mais afetados nesse período, refletindo o comportamento do Ibovespa. Importante pontuar que muitos gestores conseguiram defender bem seus portfólios com uma criteriosa seleção de ações, permitindo resultados, ainda que negativos, acima do Ibovespa. Apesar de nossa alocação em fundos de ações estar em um nível baixo, decidimos reduzi-la, em média, pela metade, em linha com a maior aversão a risco.

O mercado de Fundos Imobiliários (FIIs) também teve um mês de perdas, com o IFIX cedendo -4,01%. Esse movimento não foi acompanhado, na média, pelo comportamento dos aluguéis e preços dos ativos que lastreiam os fundos, o que nos leva a crer em uma reação muito mais ligada a perspectivas de taxas futuras de juros e aversão a risco do que ao mercado imobiliário propriamente dito.

PERFORMANCE (%)

| | Rio Bravo Crédito Privado FIRF | Rio Bravo Liquidez DI FI Referenciado | Rio Bravo Fundamental FIA | Rio Bravo Apollo FIC FIM | Rio Bravo Portfólio Diversificado I FIC | Rio Bravo Portfólio Diversificado II FIC | Rio Bravo Portfólio Diversificado Internacional | Rio Bravo Portfólio Diversificado Equities FIC FIA | Rio Bravo Juros FIC FIM | Rio Bravo Previdência FIM | Rio Bravo Columbia Threadneedle FIM IE | Rio Bravo Pandas FIC FIM | CDI | Ibovespa | SMLL | Euro | Dólar | FTSE R\$(ex-UK) | IMA - B | IFIX | |
|-----------------------------|--------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|--------------------------|---|--|---|--|-------------------------|---------------------------|--|--------------------------|-------|----------|--------|-------|-------|-----------------|---------|-------|--|
| junho 18 | 0,51 | 0,44 | -4,77 | -0,48 | -0,27 | 0,32 | 2,24 | -3,75 | 0,82 | -1,79 | 3,40 | 1,90 | 0,52 | -5,20 | -3,66 | 4,22 | 4,11 | 3,29 | -0,32 | -4,01 | |
| maio 18 | 0,52 | 0,44 | -9,56 | -2,12 | -1,21 | -1,12 | 4,49 | -6,22 | -2,41 | -5,95 | 5,83 | 1,88 | 0,52 | -10,87 | -11,31 | 2,70 | 6,21 | 0,98 | -3,16 | -5,27 | |
| abril 18 | 0,52 | 0,45 | -5,30 | 0,02 | 0,30 | 0,16 | 6,54 | 0,15 | 0,08 | -0,51 | 3,92 | -0,99 | 0,52 | 0,88 | 2,37 | 4,08 | 6,05 | 6,83 | -0,14 | -0,86 | |
| março 18 | 0,54 | 0,47 | 0,34 | 1,79 | 1,25 | 0,56 | 0,34 | 0,32 | 2,33 | -0,36 | 2,62 | 2,13 | 0,53 | 0,01 | 0,07 | 2,66 | 1,81 | -0,31 | 0,94 | 2,00 | |
| fevereiro 18 | 0,50 | 0,41 | -3,65 | 1,08 | 0,54 | 0,42 | -0,66 | -1,67 | 1,26 | 0,25 | -3,16 | 2,40 | 0,47 | 0,52 | -0,37 | 0,13 | 1,88 | -3,47 | 0,55 | 1,15 | |
| janeiro 18 | 0,62 | 0,54 | 7,98 | 0,69 | 1,17 | 1,87 | -2,91 | 7,06 | 0,97 | 3,84 | 0,70 | 2,07 | 0,61 | 11,14 | 4,34 | -0,11 | -3,78 | 2,30 | 3,43 | 2,64 | |
| dezembro 17 | 0,54 | 0,48 | 4,90 | 1,00 | 1,06 | 1,00 | 0,91 | 4,59 | 1,42 | 1,62 | 1,02 | 3,36 | 0,54 | 6,16 | 7,03 | 1,85 | 1,36 | 1,56 | 0,80 | 0,60 | |
| novembro 17 | 0,58 | 0,50 | -3,13 | 0,58 | 0,30 | 0,31 | -0,26 | -3,02 | 0,49 | -0,82 | 0,99 | 1,21 | 0,57 | -3,15 | -2,43 | 2,04 | -0,10 | 0,02 | -0,76 | -0,59 | |
| outubro 17 | 0,64 | 0,59 | 0,55 | 0,67 | 1,23 | 0,29 | 3,56 | -0,55 | 0,26 | 0,44 | 5,25 | 1,96 | 0,65 | 0,02 | -1,48 | 1,99 | 3,44 | 4,12 | -0,38 | 0,23 | |
| setembro 17 | 0,64 | 0,58 | 3,46 | 1,65 | 1,34 | 1,46 | 0,72 | 3,64 | 1,63 | 2,04 | 2,98 | 1,72 | 0,64 | 4,88 | 3,68 | -0,37 | 0,43 | 3,54 | 1,81 | 6,58 | |
| agosto 17 | 0,80 | 0,75 | 5,54 | 0,88 | 1,17 | 1,10 | 1,64 | 5,20 | 1,19 | 2,76 | 0,75 | 0,29 | 0,80 | 7,46 | 8,55 | 1,33 | 0,76 | 0,87 | 1,34 | 0,86 | |
| julho 17 | 0,84 | 0,75 | 3,85 | 0,90 | 0,88 | 1,47 | -4,54 | 3,79 | 2,25 | 3,51 | -2,50 | 1,05 | 0,80 | 4,80 | 8,14 | -2,11 | -5,53 | -2,23 | 4,00 | -0,38 | |
| junho 17 | 0,99 | 0,78 | 0,73 | 1,06 | 0,97 | 0,79 | 1,54 | 0,92 | 0,18 | -0,64 | 1,17 | 0,20 | 0,81 | 0,30 | 0,39 | 4,21 | 2,52 | 0,88 | 0,16 | 0,85 | |
| Ano | 3,22 | 2,77 | -14,85 | 0,94 | 1,79 | 2,23 | 10,41 | -4,54 | 3,00 | -4,72 | 14,02 | 9,71 | 3,18 | -4,76 | -9,00 | 13,87 | 17,04 | 9,34 | 1,16 | -4,55 | |
| 12 meses | 7,47 | 6,58 | -1,34 | 6,80 | 8,03 | 8,13 | 12,20 | 8,99 | 10,67 | 4,69 | 23,85 | 20,64 | 7,37 | 15,68 | 13,93 | 19,82 | 17,19 | 18,46 | 8,20 | 2,46 | |
| 24 meses | 22,27 | 19,84 | 4,14 | - | 25,13 | 22,36 | 12,59 | 31,57 | 24,05 | 16,80 | 49,42 | 33,30 | 21,37 | 47,75 | 58,08 | 21,08 | 14,27 | - | 21,49 | 30,43 | |
| 36 meses | 39,59 | 35,78 | 5,74 | - | 39,34 | 38,25 | 27,97 | 33,82 | 40,55 | 29,15 | - | - | 38,26 | 37,08 | 49,17 | 31,06 | 24,94 | - | 43,12 | 45,52 | |
| 48 meses | 56,11 | 50,98 | -5,00 | - | - | 51,72 | 65,06 | 24,98 | 56,08 | 30,05 | - | - | 54,45 | 37,21 | 21,01 | 49,15 | 74,35 | - | 62,01 | 52,83 | |
| Desde o início | 175,63 | 173,26 | 431,98 | 13,70 | 49,36 | 180,60 | 66,00 | 32,21 | 109,26 | 32,14 | 21,44 | 40,09 | | | | | | | | | |
| PL Atual (R\$Mil) | 404.853 | 7.485 | 8.344 | 66.215 | 74.007 | 11.161 | 4.267 | 6.589 | 19.369 | 12.590 | 41.991 | 4.343 | | | | | | | | | |
| Data de início | 14/08/08 | 28/12/07 | 8/09/04 | 4/01/17 | 9/10/14 | 3/11/08 | 11/12/13 | 16/04/12 | 8/04/11 | 12/03/13 | 29/09/15 | 17/08/15 | | | | | | | | | |
| Taxa de administração (a.a) | 0,45% | 0,35% | 2,00% | 1,50% | 0,40% | 0,60% | 1,75% | 0,70% | 0,85% | 1,10% | 0,08% | 0,90% | | | | | | | | | |
| Taxa de performance (a.a) | - | - | 20% | do que exceder Ibovespa | 20% | do que exceder CDI | 10% | do que exceder CDI | - | 10% | do que exceder CDI | - | 25% | | | | | | | | |

¹ Taxa de administração máxima, compreendendo a taxa de administração dos fundos investidos: 0,50% a.a

² Taxa de administração máxima, compreendendo a taxa de administração dos fundos investidos: 1,10% a.a



RIO BRAVO
INVESTIMENTOS

Carlos Henrique Zanvetor
Chief Executive Officer
carlos.zanvetor@riobravo.com.br

Gustavo Franco
Estrategista-chefe
gustavo.franco@riobravo.com.br

Mário Fleck
Chief Commercial Officer
mario.fleck@riobravo.com.br

Paulo Bilyk
Chief Investment Officer
paulo.bilyk@riobravo.com.br

Alexandre Fernandes
Diretor
Renda Fixa
alexandre.fernandes@riobravo.com.br

Anita Spichler
Diretora
Investimentos Imobiliários
anita.spichler@riobravo.com.br

Eduardo Levy
Diretor
Multi-Assets & Portfolios
eduardo.levy@riobravo.com.br

Rodrigo Gatti
Gestor
Compliance
rodrigo.gatti@riobravo.com.br

Fabio Cardoso
Editor de Conteúdo

INVESTIDORES
INSTITUCIONAIS

Rafael Conrado
11-3509-6689
rafael.conrado@riobravo.com.br

Daiana Pires
11-3509-6639
daiana.pires@riobravo.com.br

Henrique Mendonça
11-3509-6687
henrique.mendonca@riobravo.com.br

Roberta Moretti
11-3509-6615
roberta.moretti@riobravo.com.br

Thayná Felipe
11-3509-6646
thayna.felipe@riobravo.com.br

PERSONAL
ADVISORY

Felipe Vaz Guimarães
Diretor
11-3509-6622
felipe.guimaraes@riobravo.com.br

Rio Bravo Investimentos S.A.
Av. Chedid Jafet, 222, Bloco B, 3.º andar
04551-065 São Paulo SP Brasil
Tel. (55 11) 3509-6600 / 2107-6600
www.riobravo.com.br

Recomendação ao investidor: As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. Para avaliação da performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de períodos de, no mínimo, 12 (doze) meses. A Rio Bravo Investimentos Ltda. não se responsabiliza pela publicação accidental de informações incorretas, nem por decisões de investimetnos tomadas com base neste material.

